



Evento: XXX Seminário de Iniciação Científica

A DOR QUE NÃO TEM VOZ¹

THE PAIN THAT HAS NO VOICE

Luiza Possati Souto², Fernanda dos Santos Wendt³, Maria Eduarda Menezes de Oliveira⁴, Georgia Martins Cardoso⁵, Uiara Maria Fell Colvero⁶

¹ Resumo expandido desenvolvido na disciplina de Projeto Integrador do curso de Psicologia no segundo semestre da Graduação Mais.

² Acadêmica do Curso de Graduação em Psicologia da UNIJUI, bolsista PIBEX/UNIJUI, luiza.souto@sou.unijui.edu.br

³ Acadêmica do Curso de Graduação em Psicologia da UNIJUI, fernanda.santos@sou.unijui.edu.br

⁴ Acadêmica do Curso de Graduação em Psicologia da UNIJUI, maria.emdo@sou.unijui.edu.br

⁵ Acadêmica do Curso de Graduação em Psicologia da UNIJUI, georgia.martins@sou.unijui.edu.br

⁶ Acadêmica do Curso de Graduação em Psicologia da UNIJUI, uiara.colvero@sou.unijui.edu.br

INTRODUÇÃO

Quando se pensa na palavra "doméstico", refere-se a um ambiente compreendido por uma casa, um lar, ou seja, um ambiente de um grupo restrito, geralmente familiar. A família é a primeira sociedade na qual se convive e acompanha o indivíduo por toda a vida sendo a sua base da formação. É no convívio familiar que aprende-se, um com o outro, a respeitar, compartilhar, ter compromisso, disciplina e a gerenciar conflitos. Então, um lugar que deveria ser de aconchego, aprendizado e apoio para as diferentes fases da vida.

Estudos recentes sobre comportamento violento, infelizmente, demonstram que uma grande e significativa gama de atos desta natureza ocorrem dentro do ambiente familiar. A violência doméstica pode ser: moral, psicológica, patrimonial, sexual e também física, criando um ambiente de insegurança e medo, o que poderá desencadear diversos problemas para as crianças e adolescentes que convivem nesse ambiente. Logo, a ideia do lar como local de proteção, adquire uma perspectiva ameaçadora e sombria, propiciando e facilitando a ocorrência de condutas violentas.

Esse projeto propõe-se a analisar e questionar de que forma essa violência doméstica contra a mulher interfere no desenvolvimento psíquico da criança e adolescente. Ademais, busca-se encontrar mecanismos para evitar a herança transgeracional dos padrões comportamentais de violência, nos quais os filhos repetem os papéis de seus antecessores familiares agredindo ou sendo agredido.

Portanto, mostra-se significativo abordar esse tema, para que a sociedade atual perceba as consequências da violência no desenvolvimento e formação infanto-juvenil. Assim, é



preciso orientar a comunidade com informações de como pode-se abordar e debater esse assunto, e com isso, amenizar esse contexto no qual pode-se levar os jovens a crescer com os traumas e prejuízos oriundos dessas violências as quais vivenciaram por não ter tido o acompanhamento psicológico adequado.

METODOLOGIA

Para a construção teórica deste trabalho, utilizou-se do método hipotético-dedutivo, mediante a realização de pesquisas bibliográficas em livros, textos e artigos provenientes da internet. O critério de seleção deu-se através de materiais cujo tema abordava questões do desenvolvimento infantil na visão psicanalítica, sexualidade, transgeracionalidade e a cultura da violência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por toda a extensão longitudinal da história da humanidade, homens e mulheres são destinados a assumirem papéis que, de certo modo, são opostos. Esses mesmos são estereotipados em todos os ambientes sociais como: escola, igreja, universidade e principalmente dentro de casa, onde o homem não tem encargos com os atributos domésticos, entretanto as mulheres têm a obrigação de realizá-los.

As situações de violência contra a mulher resultam, principalmente, da relação hierárquica estabelecida entre os sexos, sacramentada ao longo da história pela diferença de papéis instituídos socialmente a homens e mulheres, fruto da educação diferenciada. Assim, o processo de “fabricação de machos e fêmeas”, desenvolve-se por meio da escola, família, igreja, amigos, vizinhança e veículos de comunicação em massa. Sendo assim, aos homens, de maneira geral, são atribuídas qualidades referentes ao espaço público, domínio e agressividade. Já às mulheres foi dada a insígnia de “sexo frágil”, pelo fato de serem mais expressivas (afetivas, sensíveis), traços que se contrapõem aos masculinos e, por isso mesmo, não são tão valorizados na sociedade. (AZEVEDO, 1985)

Afirma-se que o homem precisa a todo modo afirmar sua masculinidade, já a mulher precisa se encaixar no padrão de “dama”, o qual se refere a mulher como frágil e que necessita do seu marido, pai, irmão, ou seja qual for a figura, obrigatoriamente masculina, a qual ela está relacionada direta ou indiretamente.



Segundo Silva (1992), as relações estabelecidas entre homens e mulheres são, quase sempre, de poder sobre elas, pois a ideologia dominante tem papel de difundir e reafirmar a supremacia masculina, em detrimento à correlação inferioridade feminina. Desta forma, quando a mulher, em geral, é o pólo dominado desta relação, não aceita como natural os seus lugares e o papel a ela impostos pela sociedade, os homens recorrem a artifícios mais ou menos sutis como a violência simbólica (moral e ou psicológica) para fazer valer suas vontades, e a violência física se manifesta nos espaços lacunares, em que a ideologização da violência simbólica não se faz garantir.

Sobretudo, para algumas mulheres esse padrão está tão imposto e instituído na sociedade que acabam tolerando diversos tipos de agressões, sendo elas: física, moral, psicológica, sexual ou patrimonial. Alavancando, ainda mais, o falso poder que o homem tem sobre ela.

Ao abordar o tema da violência doméstica e familiar é imprescindível que se debata quais são os fatores que levam esse problema a atravessar gerações e continuar tão presente na sociedade, por mais que a humanidade evolua e tenha tanta facilidade de acesso às informações como nos dias atuais. Mesmo com a criação de legislações, medidas protetivas e demais políticas públicas que busquem acabar com a violência doméstica, vê-se diariamente casos de famílias das mais diversas classes sociais assoladas pelo adoecimento do ambiente que deveria ser o seu lar e devido a atos dos mais diversos tipos de agressão, se transforma em um ambiente de medo e insegurança.

Uma das principais raízes desse problema é a herança transgeracional, que é a continuidade de condutas e valores que são transmitidos entre as gerações, fazendo com que padrões comportamentais e a dinâmica vivida na infância e adolescência sejam mantidos e seguidos inconscientemente.

As mulheres alvo de violência doméstica, em sua maioria, tendem a guardar em segredo as agressões sofridas, o que acaba transmitindo uma impressão de normalidade aos filhos que presenciam os episódios de agressão. Calam-se muitas vezes por vergonha, culpabilidade, desejo de cessar brevemente os momentos de briga ou evitar mais agressões, e até mesmo acreditar que seu companheiro tem o direito de exercer algum tipo de dominação sobre ela ou evitar que esse seja penalizado por seus atos. Outro motivo que leva muitas mulheres a continuar em um ambiente de agressão é a dependência financeira do



companheiro, medo de não conseguir manter o sustento dos filhos, e com isso acabam se acostumando e moldando-se à convivência nesse cenário.

Sabe-se que ao longo da história da psicanálise foram estudadas várias teorias sobre o desenvolvimento infantil, uma delas é a de Donald Woods Winnicott na qual ele apresenta que o bebê ao nascer é formado por um conjunto não organizado de instintos e pulsões, estando em um estado inicial de dependência absoluta, dependerá totalmente do meio ambiente representado pela mãe. Dessa forma, a “mãe suficientemente boa” proporcionará um meio ambiente facilitador para adaptar a criança na realidade apresentada por ela, condizentes com o desenvolvimento, capacitando o bebê de poder lidar com eles. Será importante a forma como a mãe vivencia a sua adaptação com o bebê, e como essa será apresentada para o bebê na relação com ela, para que este processo de integração possa ocorrer satisfatoriamente.

O desenvolvimento psíquico descrito por Winnicott, conta com três etapas sucessivas, sendo elas: interação e personalização, adaptação à realidade e a crueldade primitiva:

Para Winnicott as experiências iniciais ou diárias são estruturantes do psiquismo, participam da organização da personalidade e dos sintomas. O bebê nasce em um estado de não integração. Onde os núcleos do ego estão dispersos e, para o bebê, estes núcleos estão incluídos em uma unidade que ele forma com o meio ambiente. A meta desta etapa é a integração dos núcleos do ego e a personalização – adquirir a sensação de que o corpo aloja o verdadeiro self. O objeto unificador do ego inicial não integrado da criança é a mãe e sua atenção (holding). (MOURA, 2008, s/p.).

Na falta de um meio ambiente “suficientemente bom”, e no caso, por exemplo, da mãe estar tensa, ansiosa ou deprimida, este meio criado, na relação mãe-bebê será sentido como desacolhedor por invadir e dificultar a linha de desenvolvimento do bebê. Este precisará assim, construir desde cedo, defesas contra invasões, ou seja, excesso de estimulação vinda do meio, estímulos esses com os quais ele não está em condições de lidar.

Todo o processo de desenvolvimento saudável, dependerá de um ambiente que seja facilitador, que não tenha estímulos excessivos e que proporcione suporte para que o bebê, e futuramente a criança, possa desenvolver seus potenciais cognitivos e psíquicos. Neste ambiente favorável do processo de amadurecimento proporcionado pela mãe, o bebê se desenvolve. Ela é responsável por todos os cuidados físicos e afetivos necessários, para



preencher as necessidades do bebê, e de acordo com Winnicott, esta é a única forma de amor que o bebê pode reconhecer nesta fase.

A partir da teoria sobre o desenvolvimento infantil winnicottiana, é perceptível, como o ambiente que os jovens crescem influencia desde os primeiros meses de vida. Demonstrando assim que a relação entre mãe/bebê é fundamental, quando expõe que a mãe precisa introduzir a sua realidade para o bebê de uma forma suficientemente boa e, assim, possibilitando uma boa integração com o meio e um bom desenvolvimento psíquico e cognitivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assistir às ações agressivas em um contexto onde a figura masculina é o principal responsável pelos acontecimentos, podem gerar influências a quem assiste, sendo uma criança ou adolescente, colocando-a em um papel de repetição ou de discordância. No entanto, por conviver com essa realidade, e não conseguir outros espaços para exercitar essas capacidades violentas e aprender outras maneiras de lidar com a expressão das emoções, a pessoa que observa provavelmente constata que aquela prática é correta, e cresce acreditando que reproduzir ou vivenciar esse comportamento é certo. E muitas vezes, a influência do progenitor sobre o filho contribui para que esse pensamento se enraíze ainda mais, colocando a criança ou adolescente contra a própria mãe.

Sendo assim, considera-se que é de extrema importância oferecer medidas protetivas à segurança da mulher e, da mesma forma, políticas públicas que busquem acabar com a violência doméstica. Há a necessidade de promover um ambiente acolhedor em todos os lares a fim de propiciar a reescrita de novas histórias. Histórias de bem com vozes sem dor.

Palavras-chave: Violência doméstica. Transgeracionalidade. Psicanálise.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Maria Amélia. Violência física contra a mulher: dimensão possível da condição feminina, braço forte do machismo, face oculta da família patriarcal ou efeito perverso da educação diferenciada? In: _____. **Mulheres espancadas: a violência denunciada**. São Paulo: Cortez, 1985. p. 45-75.

MOURA, Joviane. **Winnicott: Principais conceitos**. 2008.

SILVA, Marlise Vinagre. **Violência contra a mulher: quem mete a colher?** São Paulo: Cortez, 1992. p. 52-104.